

Carlos Porto

FÁBRICA SENSÍVEL

(Ficção Teatral em 1 acto)

1992

FÁBRICA SENSÍVEL

Ficha

Esplanada ao ar livre com elementos (pedras e velhas máquinas) de uma fábrica em ruínas. O crítico J. C. Silva Castro apresenta as personagens e comenta a acção.

Carlos Ninguém, autor, encenador, actor, explica para a actriz Joa^{na} Catarina o seu projecto para um novo espectáculo. O texto teatral é constituído por essa explicação durante a qual os vários fantasmas que atormentam a personagem, entre eles a Mãe, antiga actriz, que surge em cena, e a actriz Sónia dos Santos, que ele ama desesperadamente e está entre o público, ^{seu} ~~constituindo~~ o teatro do seu drama.

person: 2 masc.; 2 fem.; 1 fig.

CENA

Uma esplanada ao ar livre. Mesas e cadeiras de ferro, pintadas de branco, com a tinta a desfazer-se. Ao fundo parte de um balcão de madeira pintada de escuro; uma velha máquina registadora, garrafas. À esquerda, rodeando a esplanada, um muro a desfazer-se. Entre as mesas e delimitando o espaço, velhas máquinas industriais. Plantas selvagens, jornais velhos, detritos. Há dois cenários que se incrustam um no outro, a esplanada e as ruínas de uma fábrica.

PERSONAGENS

Crítico - Entre 40 e 50 anos. Aparentemente mais velho que as outras personagens. Imagem cuidada, de intelectual, se é que isso significa alguma coisa. Fato e gravata. Narração límpida, clara, movimentos serenos, por vezes alguma ironia na voz. Não há contacto entre ele e as outras personagens; dirige-se directamente ao público. Sentado a uma mesa escreve, de vez em quando, num caderno.

Carlos Ninguém - Ainda jovem mas revelando no rosto e no comportamento as marcas duma destruição precoce. Tenso, às vezes nervoso, noutras caindo numa apatia que tem o sinal da desolação absoluta. Senta-se, levanta-se, caminha, fala para Joana Catarina, para si mesmo e para ninguém, como se estivesse sozinho no mundo ou como se falasse para alguém que só ele conhecesse. Ignora com frequência a presença de Joana Catarina mas por vezes apercebe-se de que ela o escuta e dá-lhe alguma atenção. Há mesmo um momento, logo cortado, em que parece entender que o vínculo que o liga a Actriz é mais forte do que poderia supor, com todos os sentidos virados para uma outra imagem.

Veste jeans coçados e uma camisa branca, limpa, Calça tennis velhos.

JOANA Catarina - Há na sua insignificância e no sofrimento que podemos ler nos seus olhos, nas suas mãos, um requinte que autoriza todos os sonhos. Está perdida e sabe-o mas não se importa. O fato que veste demonstra o seu bom-gosto. Escuta o outro com uma atenção que faz mal, sentada sempre no seu lugar, quieta, dolorida, mergulhada no silêncio, vê a vida passar.

Mulher - Personagem fantasmática que ninguém, no palco, vê, ouve ou sente. Não tem idade mas tem a beleza dos seres imortais. Veste de negro, um vestido simples que lhe cobre os pés descalços. Voz levemente rouca.

Empregado - Pode e deve ser um técnico do espetáculo. Veste fato macaco, com um guardanapo branco no braço. Velha bandeja de metal. Serve com elegância silenciosa.

~~CRÍTICO~~ ^{CRÍTICO}

~~Boa-noite~~ - Boa-noite (ou boa-tarde). Chamo-me Jota, ponto; Cê, ponto; Silva Castro e sou crítico de teatro. Estou aqui para vos falar de um espectáculo teatral, deste espectáculo teatral, com a peça Fábrica Sensível - texto e encenação de Carlos Ninguém; cenário e figurinos de Clara Esperança; interpretação de Carlos Ninguém, Joana Catarina e Fernanda Fernanda. Figuração de Augusto Taborda. A produção é do grupo Fábrica Sensível.

(A luz abre-se lentamente para toda a cena que aparece tal como é descrita pelo ~~CRÍTICO~~ ^{CRÍTICO.})

~~CRÍTICO~~ ^{CRÍTICO}

~~Boa-noite~~ - Eis o cenário: uma esplanada banhada por uma luz ténue; nas mesas chávenas e copos sujos, garrafas vazias; um vento varre de leve folhas e papéis. Uma esplanada encaixada numa estrutura ~~que~~ a desfazer-se, construída com pedras antigas, lapidadas pelo tempo, que lembram o edifício em ruínas de uma fábrica, ~~uma~~ ^{de} evocação reforçada pela presença de peças de máquinas industriais, formas em metal que conservam ainda vibrações ~~de~~ ^{de} funcionamento há muito interrompido. O ~~cenário~~ cenário evoca vagamente as ~~últimas~~ últimas imagens do filme de Tarkovsky, Nostalgia. No entanto, numa entrevista recente, Clara Esperança garante não ter visto esse filme.

Carlos Ninguém e Joana Catarina conversam. Conversam é uma maneira ^{entre os dois} de dizer. Porque uma só voz, quase, se ouve: a de Carlos. Uma fala sem fim, um monólogo ora ardente ora apagado, um discurso pelo qual passa por vezes um sopro lírico, uma vibração ^{carinhosa,} ~~de~~ uma cólera ~~duma~~ intensidade insuportável mas abafada. Sentimos que qualquer coisa de terrível está a acontecer na sua vida, na vida daquela personagem, qualquer coisa de decisivo para o seu futuro.

Joana Catarina escuta. Escuta como se da sua atitude dependesse a continuidade ^{daquela} ~~do~~ monólogo (ou a continuidade da existência?). ~~no entanto~~